

SOBRE O DESEMPREGO: ELABORAÇÕES DISCURSIVAS NA CIDADE DE PARNAÍBA-PI

Edna de Brito Amaral

(Centro de Referência em Assistência Social – Cocal dos Alves – PI – Brasil)

Raquel Pereira Belo

(Universidade Federal do Piauí – Parnaíba – PI)

Teâgela Oliveira Lima

(Universidade Federal do Piauí – Parnaíba – PI)

Jessyca de Lacerda Araújo

(Universidade Federal do Piauí – Parnaíba – PI)

José Luis Álvaro Estramiana

(Universidade Complutense de Madrid – Madri – Espanha)

Resumo

O desemprego é um dos principais problemas decorrentes das transformações econômicas e caracteriza-se como um fenômeno social desencadeador de alterações desta natureza. Suas consequências alcançam tanto o âmbito social como o âmbito individual. Diante desta realidade, o presente trabalho objetivou analisar os discursos construídos socialmente a respeito do desemprego na cidade de Parnaíba-PI. Para isto, contou-se com uma amostra composta por 50 desempregados, todos moradores da referida cidade. Como instrumento foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada. Posteriormente os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Percebeu-se, por meio dos resultados, uma centralidade do trabalho em suas vidas. Os resultados refletiram ainda aspectos característicos do contexto no qual a pesquisa foi realizada.

Palavras-chave: desemprego; sentido do trabalho; vulnerabilidade; renda.

Abstract

About unemployment: discursive elaborations in the city of Parnaíba-PI

Unemployment is one of the main problems arising from economic changes and is characterized as a social event that has social and psychological consequences. Its consequences reach both the social context as the individual level. In the face of that reality, this study aimed at studying the socially constructed discourses about unemployment in the city of Parnaíba-PI. For this purpose, we manage to have a sample consisting of 50 unemployed all residents of said city. Semi-structured interviews were used as an instrument to data collection. Later, the data were analyzed using the technique of content analysis proposed by Bardin (2011). The results suggesting the centrality of work in their lives. The results also reflected significant aspects of the context in which the survey was conducted.

Keywords: unemployment; meaning of work; vulnerability; income.

Introdução

A economia mundial vem enfrentando muitas mudanças que acabam por desencadear fortes crises econômicas, entre elas, podem-se citar a abertura e as variações do mercado, bem como a decadência do processo de industrialização. Todas estas mudanças acabam por gerar tensões com efeitos muitas vezes drásticos e até delimitadores, levando uma grande parcela da população a vivenciar a situação do desemprego, sem expectativas de quando voltarão a fazer parte do mercado de trabalho. Tendo em vista que o desemprego é um fenômeno social desencadeado por problemas econômicos, caracterizando assim situações de instabilidade, Álvaro (1992) enfatiza que o desemprego causa tanto consequências sociais como individuais, perfazendo desde problemas estruturais da sociedade até formas específicas sofridas pelas pessoas que passam por essa condição.

Diante dos aspectos explicitados, o presente estudo almeja analisar as construções discursivas elaboradas socialmente a respeito da situação de “estar desempregado”. Tais pontos serão abordados dentro de uma perspectiva psicossocial que segundo Camino, Silva, Machado e Pereira (2001) admitem que, os discursos socialmente construídos dizem

de uma realidade permeada por questões do contexto e das relações estabelecidas no mesmo, não sendo então resultado apenas de uma visão formada individualmente. A presente pesquisa possibilitou uma aproximação da problemática do *desemprego* no contexto em questão.

Sentido do trabalho

Ao discutir o tema do trabalho tem-se que levar em consideração que o trabalho é a forma que o ser humano, interage e ao mesmo tempo transforma o meio ambiente, desta forma, assegura a sua sobrevivência, e, por outro, estabelece relações interpessoais, que sevem para reforçar a sua identidade e seu senso de contribuição social.

Morin, Tonelli e Pliopas (2007) discutem que o sentido do trabalho se apresenta em três dimensões: 1) individual – o sentido que o trabalho assume para a própria pessoa; 2) organizacional – o sentido que pode ser encontrado na relação da pessoa com a organização; e 3) social – o sentido que pode ser encontrado na relação da pessoa para com a sociedade. Nesta perspectiva observa-se o quanto a atividade “trabalhar” ocupa um papel central tanto individual como socialmente, entretanto, tal centralidade nem sempre é positiva, visto que alguns ambientes de trabalho podem chegar a ser tão

prejudiciais para a saúde física e mental dos trabalhadores como algumas situações de desemprego (que em determinados momentos não são necessariamente negativas): em muitos casos não existem garantias de que ter um emprego produza certamente consequências benéficas (Álvaro & Luque, 2006).

Assim, é possível defender que algumas enfermidades relacionadas com o stress são diretamente atribuídas ao ambiente laboral nos quais se desenvolvem certos trabalhos. Tal realidade leva à necessidade de conhecer o contexto da realização das atividades a fim de se compreender as condições que contribuem para o deterioro do bem-estar social e psicológico dos trabalhadores, visto que a crescente precariedade e desumanização de muitos empregos acarretam consequências para o bem-estar pessoal tão negativas como as provocadas por uma situação de desemprego: ao se analisar o indivíduo no meio social, é possível compreendê-lo através da tarefa realizada, visto que é devido ao trabalho que o ser humano se relaciona com o meio e consigo próprio e é por meio da atividade que executa que o sujeito constrói, relaciona-se socialmente e se constitui enquanto indivíduo (Álvaro & Luque, 2006).

O sentido que o trabalho tem faz com que ele seja reconhecido como central na vida humana, neste sentido, o trabalho

possui importância significativa na formação da identidade, nas relações interpessoais, na realização subjetiva bem como no desenvolvimento da cultura. Deste modo se faz necessário considerar que o trabalho passa pelo âmbito de algumas dimensões como o sofrimento e o prazer, com o seu sentido dizendo de cada indivíduo com relação aos aspectos específicos da tarefa executada (Viana & Machado, 2011).

Atualmente percebe-se que um trabalho para ter sentido tem que proporcionar autonomia, segurança, manter o tempo dos trabalhadores ocupados a fim de evitar o vazio e a angústia, além de permitir uma renda ao final do mês que garanta a sobrevivência (Morin, Tonelli & Pliopas, 2007). Assim, pode-se dizer que o sentido vai refletir também a função que o trabalhador exerce. O trabalho, em sua conjuntura, para ser satisfatório e benéfico tem que cumprir uma série de funções, entre estas: (1) suprir as necessidades econômicas, possibilitando assim a sobrevivência dos sujeitos; (2) construção da identidade: o trabalho deve exercer um papel importante para a socialização dos sujeitos e vai, deste modo, servir ao indivíduo como dimensão identificatória; (3) organização das atividades diárias, que diz respeito à estruturação que a atividade de trabalho permite ao trabalhador; (4) organização do tempo; (5) estabelecimento

das relações interpessoais, por proporcionar a frequência de contatos sociais (Jahoda, 1987).

Desta forma, o sentido do trabalho poderá mudar em função das transformações econômicas, tão frequentes no mercado – as crises financeiras, por exemplo, geralmente desencadeiam a situação de desemprego ou as situações de precariedade no trabalho.

Desemprego e características correlatas

O desemprego é uma das consequências dos períodos de recessão, chegando a caracterizar-se como um fenômeno desencadeante e desencadeador das crises econômicas (Cleps, 2009), sendo assim, definido como consequência de fatores ligados a mundialização dos mercados e a entrada de novas tecnologias, que vêm, a cada dia, substituir a mão de obra. Além disto, em decorrência de uma constante competitividade dentro do mercado de trabalho, é que se reconhece a necessidade de mudanças capazes de determinar a inovação tecnológica como um fator fundamental para a permanência das organizações: tudo isto visando uma maior qualidade dos produtos em meio à competição capitalista (Kato & Ponchirolli, 2002).

De acordo com Álvaro (1992), a fim de se compreender a estruturação da situação de desemprego, é preciso considerar alguns elementos (1) o processo de banalização, referente às incertezas relativas ao número real de desempregados que são fornecidas pelas pesquisas; (2) o processo de individualização, no qual os estudos atribuem às causas de estar desempregado, de maneira diretiva, à pessoa desempregada, sem considerar os fatores que estão implicados; (3) o processo de naturalização que se caracteriza o desemprego como um preço a ser pago pelo desenvolvimento econômico e tecnológico.

Para Kato e Ponchirolli (2002), devido às configurações de mudanças ocorridas com a introdução de novas formas de desenvolvimento tecnológico, identificam-se, segundo a teoria econômica mais tradicional, três formas de desemprego. O tipo denominado de *friccional* que é uma forma caracterizada pela curta duração e benignidade na forma de desemprego – a benignidade, aqui, caracterizando-se pela existência da oferta de trabalho que, porém, não é conhecido no mercado de trabalho pelo desempregado: neste caso existe tanto a vaga de trabalho como o trabalhador, porém, pela falta de informação os dois não se cruzam (Almeida, 2003). Outra

forma de desemprego é o tido como *desemprego conjuntural*: neste caso, ele está ligado as recessões dos meios produtivos, ou seja, da atividade produtiva do contexto em questão. Pode-se dizer que um aspecto característico deste tipo de desemprego é a falta de investimento, que acaba por ocasionar uma situação duradoura de desemprego.

Vale salientar que ambos os tipos de desemprego acima citados, não são considerados como os mais resistentes, pois a forma mais persistente dá-se por uma instabilidade, marcada pelo desacerto entre a qualificação da mão-de-obra indispensável e a força de trabalho disponível. Por esta situação caracteriza-se o desemprego denominado de *desemprego estrutural*, considerado a mais maléfica forma de desemprego, devido à discrepância existente no que diz respeito à evolução tecnológica e a educação (Kato & Ponchirolli, 2002).

Atualmente a Pesquisa sobre Emprego e Desemprego – PED, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2011) subdivide a situação de desemprego em três tipos, de acordo com as características de cada sujeito que se encontra nesta situação. Tem-se então o *desemprego aberto*, sendo relativo a pessoas que, nos trinta dias anteriores a realização da entrevista da pesquisa,

buscou emprego de forma ativa e não desempenhou atividades empregatícias nos sete últimos dias anteriores; o *desemprego oculto pelo trabalho precário*, referente às pessoas que exercem alguma atividade eventual, de forma não remunerada (de auto-ocupação ou realização de atividades de ajuda a parentes), e buscaram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores a entrevista ou mesmo procuraram trabalho, sem êxito nos últimos 12 meses anteriores; *desemprego oculto pelo desalento*, concernente às pessoas que não buscaram trabalho nos 30 dias anteriores as entrevistas, devido a questões relacionadas à falta de estímulo relativo ao mercado de trabalho ou por situações contingenciais, mas que procuraram trabalho nos últimos 12 meses (Dedecca, 2006). Vale salientar que a PED procura referenciar que a população de *desempregados*, dizem de sujeitos que infortunadamente estão na condição involuntária de não trabalho (devido à ausência de chances de trabalho) ou porque preenchem atividades irregulares, expressando anseio de transformação (DIEESE, 2011).

Considerando que as denominações de desemprego em alguns momentos mostram-se reducionistas frente à sua condição (desemprego aberto, precário e desalento, por exemplo), deslocando sua abrangência em relação aos fatores econômicos, sociais, culturais e

institucionais, Gondim, Álvaro, Luna, Oliveira e Souza (2010) pontuam que é preciso levar em consideração a situação social dos desempregados, no enfoque de como as pessoas estão enfrentando este problema. Neste sentido, em um estudo realizado na Bahia objetivando avaliar se as três dimensões do modelo de causas de desemprego—societais, individuais e fatalistas – usadas por Furnham (1982, citado por Gondim et al., 2010), os resultados evidenciaram que as pessoas com níveis educacionais distintos mesclaram explicações individuais, societais e fatalistas durante este processo: pessoas com formação superior (ou pós-graduação) tenderam a atribuir menos causas individuais e fatalistas ao desemprego que as pessoas de nível de ensino médio, por exemplo. Tal resultado levou os pesquisadores à conclusão de que o processo de atribuição de causas ao desemprego é complexo e envolve vários fatores.

O tempo que o indivíduo permanece desempregado também é uma variável que merece atenção. Neste caso, Penido e Machado (2002) discutem, que, na maioria dos casos, os desempregados encontram mais facilidades para conseguir um novo trabalho no intervalo dos seis primeiros meses que se encontram na situação de desemprego. Quando há uma

continuidade nesta situação, atingindo-se 12 meses, geralmente torna-se mais difícil o trabalhador encontrar um novo posto de trabalho e sair da condição de desempregado. Outra questão importante a ser observada é o tempo que a pessoa permaneceu no último emprego, pois quanto mais tempo, menor é a probabilidade de arranjar outro trabalho.

Observando-se os dados referentes aos números de desempregados no Brasil, Barrio e Soares (2006) retratam que no intervalo de 1996 a 2004, os homens permaneciam em média 31 semanas em busca de um novo posto de trabalho, com a média das mulheres girando em torno de 34 semanas a procura, em 1996. Em 2004, houve um aumento considerável relativo ao tempo de procura por um novo trabalho: para os homens houve um aumento de 96,8% e para as mulheres um avanço de 100%. Estes intervalos mais longos de tempo em busca de um novo posto de trabalho acabaram levando os desempregados a exercer trabalhos tidos como precários (chamados de *bicos*). É válido pontuar que houve um aumento considerável de trabalhadores com carteira assinada em 2012, este sendo de 3.7% da população que atua no setor privado (IBGE, 2013).

Com relação ao nível de escolaridade, foi possível observar que

sujeitos com ensino fundamental incompleto estiveram em maior número na situação de desemprego entre 1999 e 2007, porém isso não se mostrou distinto em relação ao grau de escolaridade média completa e superior incompleto: nestes casos se observou grande incidência, no mesmo intervalo de tempo. Vale ressaltar que estes índices foram encontrados em Belo Horizonte, Recife, Salvador e São Paulo (Bastos, 2010).

Dados do IBGE de 2012 revelam que houve um avanço com relação aos anos de estudos da população ocupada no setor privado, que possuem 11 anos ou mais, alcançando um percentual de 68,7% desta população. Observa-se assim que a população ocupada em geral teve uma melhora relativa aos anos de escolaridade, isso devido ao crescimento dos anos de estudos dos mesmos (IBGE, 2013).

Levando em consideração a variável escolaridade, Oliveira, Scorzafave e Pazello (2009) apresentam que em relação às mulheres, quanto menor for o nível de educação escolar, maior é a possibilidade de elas permanecerem desempregadas e na inatividade: 60% das mulheres que adentram a inatividade se encontravam desempregadas nos últimos 4 anos. Desta maneira, quando as mulheres apresentam um índice de desemprego menor que os dos homens, na maioria dos

casos elas estão exercendo atividades precárias, a qualquer preço.

Devido a problemática até aqui elencada, percebe-se que no território nacional sua maior incidência acontece na região Nordeste, o que demonstra a necessidade de discutir e conhecer esta problemática na referida região.

No Piauí, por exemplo, após a capital Teresina, a primeira cidade mais populosa é o município de Parnaíba, caracterizando-se como uma cidade de médio porte. A mesma encontra-se localizada na região norte do Piauí e detém grande parte da movimentação comercial do estado. Com relação ao mercado formal da cidade, segundo dados do IBGE (2008), Parnaíba possui 2.424 unidades empresas, porém o número de empresas atuantes é de 2.309, com 16.597 pessoas atuantes. As instituições financeiras existentes na cidade não ultrapassam 5 agências. Segundo o Serviço Social da Indústria (SESI) (2010) os dados relativos ao comércio parnaibano entre micro, pequenas, médias e grandes empresas a cidade possui uma média de 207 estabelecimentos. Desta maneira, Parnaíba, caracteriza-se como uma cidade que ao longo de sua história se tornou um importante centro comercial, demandando grande quantidade de mão de obra para o trabalho, seja este formal ou informal.

Diante desta problemática, o presente trabalho objetivou analisar as representações construídas socialmente a respeito do desemprego na cidade de Parnaíba-PI, sabendo-se que o Piauí, semelhante ao restante do país, sofre com as variações econômicas e acaba sendo cenário para o trabalho informal. Neste sentido, de acordo com Carvalho (2002), os trabalhadores por conta própria desenvolvem principalmente negócios varejistas de caráter familiar, comércio ambulante e vendas em feiras.

Método

Participantes

A presente pesquisa contou com 50 participantes que se encontravam desempregados: todos residentes na cidade de Parnaíba-PI. Os respondentes desempregados eram em sua maioria do sexo feminino (60%), com idades compreendidas entre 18 à 73 anos, estado civil predominante foi o solteiro (74%) e a escolaridade superior (44%).

Instrumento

Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados uma entrevista semi-estruturada que objetivou analisar o sentido

do trabalho para indivíduos desempregados na cidade de Parnaíba-PI. Em função dos objetivos do presente projeto elaboraram-se as seguintes questões: 1) *A partir de quais características você considera uma atividade trabalho?* 2) *A que motivos você atribui a estar desempregado?* 3) *Ocorreram mudanças em sua vida desde que você ficou desempregado? Quais?* 4) *Poderia falar a respeito de suas expectativas a esse respeito?* 5) *Como você lida com a condição de estar desempregado?*

Procedimento

Os locais de investigação para a realização do estudo foram os lugares públicos, como ruas e praças, nos quais as pesquisadoras dirigiam-se às pessoas e explicavam sobre o que se tratava a pesquisa. Caso aceitasse, o entrevistado tinha acesso a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual ele poderia assinar se estivesse de acordo, podendo desistir de respondê-las caso desejasse. O estudo seguiu as normas e procedimentos éticos conforme a Lei 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. É válido salientar que a

pesquisa passou pela aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa.

Análise dos Dados

As respostas elaboradas pelos respondentes na entrevista semi-estruturada foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), cuja finalidade é obter descrição do conteúdo das mensagens seguindo procedimentos sistemáticos e objetivos. Tal técnica consiste em descobrir os 'núcleos de sentido' que diz respeito ao conjunto de categorias que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. Desta maneira, busca-se a reinterpretação das mensagens de forma a atingir o entendimento de seus significados cujo sentido ultrapassa o de uma leitura comum.

Resultados

Os resultados encontrados, após a categorização da entrevista por meio da análise de conteúdo, apresentam-se a seguir. Observou-se que, a primeira questão (*A partir de quais características você considera uma atividade trabalho?*) evocou as categorias *sentido do trabalho para os sujeitos desempregados* e

remuneração. A partir da segunda questão (*A que motivos você atribui estar desempregado?*) surgiram conteúdos referentes *as causas do desemprego*, como por exemplo a *falta de oportunidade*. Em função da terceira questão (*Ocorreram mudanças em sua vida desde que você ficou desempregado?*) emergiram conteúdos versando sobre as *mudanças decorrentes do desemprego*. Na quarta questão (*Poderia falar a respeito de suas expectativas a esse respeito?*) os discursos versaram sobre as *expectativas relativas à situação de desemprego*. Para a última questão (*Como você lida com a condição de estar desempregado?*) observou-se preleções referentes as *estratégias do desempregado* para lidar com as condições do desemprego.

De forma geral, as categorias demonstraram uma tendência dos respondentes desempregados para traduzir o sentido do trabalho em relação à renda financeira, ou mesmo reconhecerem que a falta de oportunidade é um dos motivos do desemprego. Muitos fizeram referencia às mudanças ocorridas devido a perda do trabalho e demonstraram ainda um otimismo frente à situação na qual se encontram quando trazem, nos discursos, certa expectativa.

Tabela 1.

<i>Síntese de Discursos dos Desempregados</i>	
Temas/Categorias	Freqüência
I. Significado do trabalho	
I.1. Remuneração	34
I.2. Trabalho formal	26
I.3. Tipo de atividade	11
I.4. Aspectos morais	8
I.5. Produção	5
I.6 Trabalho informal	5
II. Motivos/causas do desemprego	
II.1. Falta de oportunidade	26
II.2. Impedimento temporário	17
II.3. Falta de qualificação, falta de experiência	8
III. Mudanças decorrentes do desemprego	
III.1. Sim	24
III.2. Não	23
IV. Expectativas relativas a situação de desemprego	
IV.1. Com expectativa	35
IV.2. Sem expectativa	11
IV.3. Não respondeu	4
IV.4. Não sabe	1
IV.5. Não condizente	1
V. Estratégias do desempregado.	
V.1. Insatisfação	29
V.2. Estratégias de enfrentamento	28
V.3. Bem-estar	22

De forma geral, o desemprego, em decorrência de suas consequências, foi representado negativamente e estando relacionado a um grande número de causas. Os estudos relacionados às possíveis causas do problema (Dedeca, 1996; Camargo & Reis, 2005) recebem destaque na literatura. O desemprego é uma questão social, com isso é indubitável

que suas causas variem de acordo com o contexto no qual o indivíduo está inserido e à época na qual o mesmo vive.

Discussão

Por meio dos discursos dos desempregados da cidade de Parnaíba-PI pôde-se perceber que o sentido do trabalho esteve prioritariamente relacionado à remuneração, uma vez que sua caracterização disse respeito à capacidade de prover uma renda, associada à garantia dos direitos trabalhistas, como defende um dos entrevistados: *“trabalho é toda atividade que fornece meios de subsistência, quando se fornece mão de obra, força de trabalho em troca de capital que oferece poder de compra e troca. É toda atividade que fornece remuneração”* (Entrevistado 18). Tal enfoque na renda adquirida é referida por Morin e cols., (2007) como um dos aspectos que servem para a definição do que significa “trabalho” para os indivíduos.

Além da remuneração, o tipo de atividade realizada foi fundamental para entender este sentido do trabalho: algumas atividades, mesmo sendo exercida sem contrato de trabalho ou sem renda garantida, foram caracterizadas como trabalho, em função de ser uma atividade regular. Nesta perspectiva, portanto, o

significado do trabalho tem relação com a vivência da atividade: mesmo em trabalhos informais a vida possui um sentido, sentido este oriundo do trabalho. De acordo com Fleig, Pereira, Grzybovski e Brito (2005), o manter-se ativo é um fator prevalente na manutenção do sentido da vida, uma vez que o trabalho é reconhecido por estabelecer um sistema de organização das ações diárias (tanto sociais como familiares), além de ter relevância para a manutenção da sobrevivência e para a conquista.

Diante destas observações em relação à dificuldade de vivenciar o desemprego, Azevedo (1998), inclusive comenta a elaboração de estratégias de enfrentamento por parte deste grupo, como: 1) a manutenção de relações interpessoais, enquanto busca de um novo emprego; 2) manutenção do contato com pessoas que podem vir a indicá-las um trabalho, a 3) a procura de agência de empregos, 4) consultas aos meios de comunicação, como fonte de informação para novas oportunidades. O autor enfoca também a desesperança que os sujeitos expressam frente às estratégias utilizadas sem efeito. Pode-se dizer que estes pontos foram identificados nos discursos dos desempregados no contexto parnaibano, já que os mesmos indicaram manter-se ativos, seja em qual atividade for, apenas para lidar com a situação de desemprego,

sugerindo que o trabalho é realizado pelos indivíduos tanto na busca por não ficar inativos, como por uma estratégia de enfrentamento ao desemprego: *“Eu faço alguns serviços, bicos: eu soldo também, então alguém me chama e eu faço, só para ir escapando mesmo”* (Entrevistado 09).

Dada a importância do trabalho na vida dos indivíduos, foi possível perceber que entre suas muitas funções, está também a de proporcionar o estabelecimento do tipo das relações sociais, permitindo o sentimento de vinculação com os outros. Este tipo de vinculação, que pode se desenvolver dentro ou fora do contexto de trabalho, associada à organização do tempo por meio da estruturação das tarefas, é o que acaba proporcionando bem-estar funcional capaz de construir um sentido para o trabalho na vida do ser-humano (Luchese, Morello, Müller & Rover, 2010). Na verdade, a vivência do desemprego vem a influenciar no modo como os indivíduos passam a representar sua vida, influenciando diretamente na maneira como o desempregado se relaciona em seu meio social-comunitário e acaba por acarretar sentimento de não pertencimento e não valorização pessoal (Fleig, Pereira, Grzybovski e Brito, 2005), como diz um dos entrevistados: *“não é uma situação fácil, há uma segregação nas atividades sociais que exigem dinheiro, havendo*

assim uma limitação, o convívio social fica limitado, alguns confortos são excluídos” (Entrevistado 18).

Diante disso discute-se que o desemprego, em sua estrutura, pode ser visto além dos aspectos ligados ao contexto sócio-econômico, pois diz respeito aos movimentos do que é vivido individualmente, como os aspectos ligados à competência, à qualificação, à angústia, à falta de esperança, o que reflete e implica na baixa autoestima desses indivíduos, como ficou implícito nos discursos dos respondentes: *“é ruim, mas tem que aguentar, é sufocante estar nessa condição, sem fazer nada”* (Entrevistado 08). Toda esta vivência pode ocasionar o surgimento de problemas psicológicos, dificuldades sociais e sentimentos ligados à negatividade para com a vida (Tumolo, 2002), percebendo-se assim a existência de implicações tanto sociais quanto individuais relacionadas ao desemprego (Álvaro, 1992).

No presente estudo, pôde ser observado que os desempregados traduzem o sentido do trabalho dando maior ênfase à obtenção de uma renda financeira, e quando questionados a respeito dos motivos ou causas responsáveis pelo desemprego em Parnaíba-PI, observou-se que a falta de oportunidade foi caracterizada como a principal causa:

“falta de trabalho, oportunidades, não tem campo que ofereça” (Entrevistado 03). Desta forma, notou-se que, as representações dos participantes apresentam, neste aspecto, uma justificativa de cunho social que perfaz a falta de uma remuneração que seja digna para os mesmos. Neste sentido, de acordo com Chahad (2003), “estar desempregado”, na verdade, diz respeito à vivência principal de encontrar-se desprovido de qualquer atividade que forneça uma renda (podendo estar ou não recebendo o seguro desemprego). Para o referido autor, esta situação caracteriza o desemprego em sua versão “mais dramática”, uma vez que o indivíduo ver-se impossibilitado de manter a própria subsistência.

Ainda com relação às causas atribuídas ao desemprego, o que concerne ao aspecto individual, as causas foram justificadas em função de um impedimento temporário, como a falta de tempo em decorrência dos estudos, por motivos de gravidez ou mesmo por motivos de saúde. Pode-se dizer que, neste sentido, existe um aspecto positivo: a atribuição do desemprego dar-se por uma contingência temporária, passageira. Além destas, a falta de qualificação profissional exigida pelo mercado de trabalho também foi pontuada, por exemplo, um dos entrevistados

comenta: *“porque quando vamos arranjar emprego não temos currículo e aí não arranjamos, só serviço muito pesado”* (Entrevistado 07). Nesta acepção, Neves et al (1998) discute em um estudo realizado com metalúrgicos que: os discursos dos entrevistados defendiam que a falta de qualificação frente a exigência do mercado e das empresas, são as principais determinações para que se elevem os índices de desemprego.

No presente estudo os desempregados também apresentaram expectativas frente à situação de desemprego. Por meio das falas dos respondentes, foi possível perceber o que discute Duarte (1997): o desemprego na maioria dos casos acaba por acarretar uma experiência traumatizante demandada pela busca de um novo trabalho, assinalando sentimentos de ansiedade, humilhação, solidão e vazio devido a busca em prol de suprir suas necessidades advindas da perda do emprego, como defende um dos entrevistados: *“a maior expectativa é se formar e trabalhar no que gosto, mas no Brasil como as coisas são assim, é difícil, quero arranjar pelo menos um trabalho para experiência”* (Entrevistado 12). É necessário, porém, citar que houve uma parcela de desempregados parnaibanos que comentaram não ter expectativas relativas a condição de desempregado que vivenciam.

Em razão dos pontos expostos se reflete que a condição social de quem enfrenta o desemprego na amostra entrevistada, é permeada por problemas frente à falta de renda que acaba por determinar, para uma parcela dos desempregados, retorno à dependência de familiares. Mesmo sendo este aspecto negativo, a maioria dos indivíduos desempregados demonstram perspectivas positivas para saírem do desemprego, ou seja, eles expressam uma visão positiva frente à condição que enfrentam: *“Com otimismo, espero que esse tempo que eu passei me preparando valha a pena, pois foi como um tempo de qualificação”* (Entrevistado 01).

A partir dos resultados alcançados, percebeu-se como o trabalho ou a falta dele foi caracterizado e significado pelos participantes. Pôde-se inferir sobre percepção da situação do desemprego, que, no geral, foi significado como algo negativo (*“É ruim, mas tem que aguentar, é sufocante estar nessa condição, sem fazer nada”* - Entrevistado 08), assemelhando-se ao que comenta a literatura da área, ao apontar o fenômeno como capaz de comprometer negativamente o bem-estar do indivíduo (Gondimet al., 2010), ficando explícita a forte influência da realidade social existente nas respostas acerca da falta de emprego na cidade de Parnaíba-PI.

Considerações Finais

Os dados do presente estudo revelaram que os desempregados parnaibanos reconhecem uma ligação entre o desemprego e à falta de renda, quando atribuem voltar a necessitar de familiares. Pode discutir-se que esta ligação entre desemprego e renda influencia no sentido que o trabalho tem para estes sujeitos, pois como demonstram Morin e cols., (2007) a relação de trabalho e renda é determinante no sentido atribuído ao trabalho por cada indivíduo, pois o trabalho favorece remuneração, que por sua vez, garante segurança bem como proporciona a sobrevivência, assim sendo, a falta do trabalho e conseqüentemente da renda vem a influenciar no sentido atribuído ao mesmo.

Sabe-se que o desemprego possui incidência alarmante em todos os setores sociais e pode ser percebido nas estatísticas que se propõem a demonstrar os dados sobre o desemprego nas várias regiões do Brasil, bem como na perduração anual dos dados visualizados (Tumolo, 2002), nesse caso Cleps (2009) discute que o desemprego resulta, em muitos casos, de instabilidades econômicas como, por exemplo, em situações de crises econômicas.

Percebe-se então que muitos são os problemas desencadeados para quem se encontra desempregado, como, por exemplo, a entrada em trabalhos precários, nos “*bicos*” e nos chamados trabalhos informais. Em razão do exposto se reflete que a condição social de quem exerce atividades informais é permeada por problemas frente à visão social das atividades informais, pois o componente da ilegalidade em contraposição com o trabalho é reconhecível, principalmente nos trabalhos que são realizados nas ruas.

Devido a estes pontos explicitados pode-se concluir que é emergente o desenvolvimento de políticas estratégicas para quem se encontra desempregado, a fim de que os mesmos possam vir a melhorar suas condições de vida. Estas políticas poderiam vir a focar projetos que favoreçam maiores oportunidades de qualificação para os desempregados, ou mesmo a abertura de novos postos de trabalho.

Reconhece-se que, estudos que enfoquem a situação dos desempregados se fazem necessários para fomentar discussões frente ao que é enfrentado por quem se encontra sem emprego, suas estratégias utilizadas e os sentimentos que permeiam tais situações.

Referências

Almeida, A. S.(2003). *Desemprego e precarização das condições de trabalho nos países avançados*. Dissertação de Mestrado não publicada.Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo.

Álvaro, J. L. *Desempleo y bienestar psicológico* (1992). Madrid: SigloVeintiuno de España Editores.

Álvaro, J. L & Luque, A. G. (2006). Trabajo, ocupación y bienestar. In A. G. Luque (coordinadora); E. A. Tomás; M. S. A. Tomás; J. L. Álvaro; J. M. B. Ribas, M. A. D. Heras e J. R. Soárez. *Sociopsicología del trabajo*. Barcelona: Editorial UOC.

Azevedo e Col., (1998).As estratégias de sobrevivência e de busca de emprego adotadas pelos desempregados. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 1 (1), 15-42.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Barrio, K. & Soares, M. (2006). As mulheres e os homens no mercado de trabalho metropolitano: uma análise da região metropolitana de Belo Horizonte, 1996-2004. In J. M.Januzzi e M. Soares. *As várias faces do mercado de trabalho no Brasil*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro – Centro de Estatística e Informações. Obtido em: <http://www.fjp.gov.br/.../58-as-varias-faces-do-mercado-de-trabalho-no-br>.

Bastos, R. L. A. (2010, setembro). Desemprego metropolitano no Brasil: 1999-2007. Trabalho apresentado no *XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP*, Caxambú, MG, Brasil.

Camino, L.; Silva, P.; Machado, A. & Pereira, C. (2001). A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 20(3), 490-498.

Camargo, J. M. e Reis, M. C. (2005). Desemprego: O Custo da Desinformação. *RBE*, 59 (3), 381-425.

Carvalho, A. M. S. (2002). *Meu estado - o Piauí: geografia e história*.

Chahad, J. P. Z. (2003). Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de Emprego e Desemprego. *São Paulo em perspectiva*, 17 (3-4), 205-217.

Cleps, G. D. G. (2009). Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG). *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 21(3), 327-339.

Dedeca, C. S. *Economia e trabalho na região metropolitana de São Paulo, 1985-2004*. In J. M. Januzzi e M. Soares. *As várias faces do mercado de trabalho no Brasil*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro – Centro de Estatística e Informações. Obtido em: <http://www.fjp.gov.br/.../58-as-varias-faces-do-mercado-de-trabalho-no-br>.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2011). Principais Conceitos da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Obtido em: <http://www.dieese.org.br/ped/pedmet.xml>.

Duarte, A. M. (1997). *Vivências de desemprego e transformação dos modos de vidas dos operários mineiros*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Fleig, D. G.; Pereira, M. C.; Grzybovski, D. e Brito, M. J. (2005). Reestruturação produtiva e subjetividade: análise interpretativa do significado do desemprego. *O&S*, 12 (33).

Gondim, S. M. G. M. G.; Álvaro, J. L.; Luna, A. F.; Oliveira, T. S. S. & Souza, G. C. (2010) Atribuições de causas ao desemprego e valores pessoais. *Estudos de Psicologia*, 15(3), 309-317.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2008). Trabalhadores por Conta Própria Perfil e Destaques. Obtido em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8152:trabalho-formal-cresceu-no-brasil-entre-2001-e-2009&catid=4:presidencia&Itemid=2.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2013). Pesquisa Mensal de Emprego - PME. Obtido em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=38.

Jahoda, M. (1987). *Empleo y desempleo: una análisis sociopsicológico*. Madrid: Morata.

Kato, J. M. & Ponchiolli, O. (2002). O desemprego no Brasil e os seus desafios éticos. *Rev. FAE*, Curitiba, 5(3), 87-97.

Luchese, G. T.; Morello, L. F.; Müller, V. & Rover, A. (2010). Os sentidos do trabalho: um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior. *Unoesc & Ciência – ACSA*, Joaçaba, 1 (1), 79-88.

Morin, E.; Tonelli, M. J. e Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 47-56.

Neveset e Cols., (1998). Desemprego e ideologia: as explicações das causas do desemprego utilizadas por trabalhadores metalúrgicos. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 1 (1), 1-13.

Oliveira, P. R.; Scorzafave, L. G. & Pazello, E. T. (2009). Desemprego e inatividade nas metrópoles brasileiras: as diferenças entre homens e mulheres. *Nova Economia*, Belo Horizonte, 19 (2), 291-324.

Penido, M. & Machado, A. F. (2002). *Desemprego: evidências da duração no Brasil Metropolitano*. Belo Horizonte: UFMG – Cedeplar.

SESI. *Base de indústrias do Piauí*. (2010). Obtido em: www.sesi.org.br.

Tumolo, L. M. S. (2002). *As características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis.

Viana, E. A. S. & Machado, M. N. M. (2011). Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. *Psicologia & Sociedade*, 23 (1), 46-55.

Os autores:

Edna de Brito Amaral é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Saúde Mental pela FLATED (Faculdade Latino Americana de Educação). Trabalha no Centro de Referência em Assistência Social – Cocal dos Alves – PI – Brasil, e.mail: ednabamaral@gmail.com

Raquel Pereira Belo possui Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2000) com formação em Psicologia Organizacional e do Trabalho, Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (2003) e Doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (2010). É Docente na é professora Universidade Federal do Piauí nas áreas de Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Social. e.mail: quelbelo@hotmail.com

Teângela Oliveira Lima, Universidade Federal do Piauí – Parnaíba – PI. e.mail: teangela_lima@hotmail.com

Jessyca de Lacerda Araújo, Universidade Federal do Piauí – Parnaíba – PI, e.mail: jessyca_lacerda@hotmail.com

José Luis Álvaro Estramiana É psicólogo social (1982) com doutorado em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madrid (1988). É autor e co-autor de capítulos de livros e artigos científicos publicados em revistas européias e latino-americanas. É docente na Universidade Complutense de Madrid – Madri – Espanha. e.mail: jlalvaro@cps.ucm.es